



ATIVIDADE COLETIVA: PROMOVENDO ESPAÇOS DE DIÁLOGO E APRENDIZAGEM COM ESTUDANTES DA EJA POR MEIO DO PIBID.

*Eduarda Sberse Sengik,
Clarice de Oliveira,
Danielle dos Santos Campos,
Haniel Monteiro Carvalho,
*Miriam Luci Kramer de Macedo,
Aline Lemos da Cunha Della Libera

Eixos Temáticos:
Currículo e interdisciplinaridade

A prática docente no PIBID possibilita que os estudantes dos cursos de licenciatura aproximem-se da educação básica e das escolas públicas, aprimorando sua formação docente. Torna-se relevante, pois convida os(as) estudantes a desenvolverem a docência compartilhada, ou seja, atuar na sala de aula, planejar atividades e refletir sobre a prática pedagógica, juntamente com seus(as) colegas de graduação. Montemezzo (2014) destaca que “a docência compartilhada, na modalidade EJA, se constitui como uma das ações pedagógicas que mais se aproxima dos princípios da Educação Popular” (p. 19), legado que a fundamenta. Desta forma,

a partilha de saberes e o companheirismo são estabelecidos em ambas as relações [entre os docentes, mas também entre os educandos e os docentes]. Diálogo este que, nesta proposta, precisa buscar relações mais horizontais entre os sujeitos (professor – professor, professores – educandos). Superando, assim, a verticalidade encontrada no que Paulo Freire define como educação bancária (2005; 2001), onde a sala de aula é composta por uma hierarquia que tem no seu ápice o professor se sobrepondo ao pensamento dos estudantes, como detentor do conhecimento. (MONTEMEZZO, 2014, p. 20)

A experiência no PIBID contribui para a articulação entre teoria e prática, necessárias à formação docente. Em especial, o PIBID Pedagogia, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, tem sido rico em experiências de compartilhamento de saberes, acolhimento e para a aproximação entre a universidade e a escola, com um público que ainda é postergado nos cursos de licenciatura. O PIBID EJA oportuniza a



elaboração de planejamentos, a partir do currículo próprio da modalidade, possibilitando o conhecimento e o respeito às especificidades socioculturais dos estudantes. Nossa principal referência está na obra de Paulo Freire, a qual nos apresenta a importância de que tenhamos, educadores e educandos, uma consciência crítica sobre a prática pedagógica. Para ele, é exigência do ensinar a criticidade, pois

a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ela algo que fazemos” (FREIRE, 1996, p. 18).

Atuamos, desde 2014, na Escola Estadual Cândido Portinari, localizada no bairro Menino Deus em Porto Alegre (RS). A “Cândido”, como é chamada, atende o ensino fundamental nos três turnos, sendo o turno da noite ofertado aos educandos na modalidade EJA. A ação pedagógica do PIBID EJA é realizada com estudantes adultos, jovens e idosos. O grupo de pibidianos planejou diversas atividades neste período, tendo como foco a alfabetização e o letramento.

Com a perspectiva de alcançar todos os educandos matriculados na modalidade EJA (noturno), construímos o que chamamos de “Atividades Coletivas”. Trata-se de encontros marcados de acordo com o calendário da escola, sendo incorporados de forma prévia para que não obstrua o planejamento dos demais professores da instituição. Nosso objetivo é inserir nesse processo educativo, conexões entre as vivências cotidianas dos educandos e a escola, podendo assim aprofundar temas que se relacionem aos seus interesses. As atividades propostas também buscam uma conexão com a realidade atual (temas emergentes) e com as possibilidades de modificação desta, caso o grupo de docentes e discentes avalie esta necessidade. Também é enfatizada a compreensão de que a coletividade proposta nessas atividades, que ocorrem uma vez a cada semestre, é o foco do trabalho. Este momento coletivo torna-se um destaque na escola e a finalização das atividades do PIBID naquele período, geralmente o final do semestre letivo. Há o desejo de possibilitar uma oportunidade onde haja o incentivo para a realização de



momentos de diálogo na escola, independente da presença dos bolsistas do PIBID. Almejamos um espaço em que todos e todas se sintam à vontade e que suas vozes possam ser ouvidas¹.

Nossa primeira atividade coletiva na escola foi em dezembro de 2014. Foi escolhido como temática, o mito da caixa de Pandora². A ideia inicial era a reflexão sobre as relações entre estudantes, professores, funcionários, bolsistas do PIBID, equipe pedagógica e diretiva, além de analisar o espaço físico da escola, a acolhida e as possibilidades de encontro. Produzimos uma caixa e nela colocamos envelopes com estes temas. Dividimos os jovens e adultos presentes em pequenos grupos e cada um retirou um envelope. Após mediamos um debate em que os grupos poderiam falar suas opiniões sobre o tema recebido. Também propusemos que, ao voltarmos para o grande grupo, cada pequeno grupo poderia apresentar, de maneira criativa, o que destacou como prioridade, a partir do que foi debatido. O mito de Pandora seria interessante para que não só denunciasses os problemas que lhes causavam aflições (os males), mas também para que pudessem refletir sobre alternativas para sua superação (a esperança). Representações dramáticas, em forma de esquetes, e jograis, foram as maneiras que os estudantes encontraram de terem suas vozes ouvidas em um espaço novo dentro da escola. Professores e as equipes, diretiva e pedagógica, estiveram presentes nesse segundo

¹ Neste texto serão apresentadas três destes momentos de atividades coletivas.

² **O Mito de Pandora:** Zeus – o deus supremo da mitologia grega - é fruto de uma complicada teogonia, assemelhada à genealogia humana. Bravo e vingativo, o deus dos gregos casou-se inúmeras vezes, gerando uma sucessão de outros menores: Apolo, Hebe, Hermes, as Musas, etc. Diz-se do estranho chefe do Olimpo que havia ódio em seu coração; e tinha prazer em castigar os homens. Certa vez, para vingar-se de certo humano de nome Prometeu, ladrão de uma faísca do sol para com ela iluminar a inteligência dos homens, o mal humorado superintendente celeste resolve castigá-los, fazendo-os se perder para sempre por meio de uma mulher extremamente bela, detentora de todos os dons, Pandora, a primeira mulher! Ela é criada e enviada a Epimeteu (o que vê depois), embora Prometeu (o previdente) houvesse aconselhado seu irmão a não aceitar nenhum presente de Zeus, de quem desconfiava muito. Ela traz consigo do Olimpo um presente de núpcias para Epimeteu: uma arca de ouro hermeticamente fechada. Segundo Hesíodo, o poeta camponês, Pandora teria aberto a caixa levada pela curiosidade, de onde saem todas as desgraças e calamidades para os homens, os quais viviam tranquilos (*sic*) e felizes até então. Ao fechá-la, conseguiu prender em seu interior a esperança, por séculos encerrada como uma promessa de retorno aos felizes e ditosos tempos da infância da espécie humana sobre a Terra. (FONTE: Texto de Nagib Anderáos Neto. <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/46842>)



momento e ajudaram na construção de um debate em torno das problemáticas trazidas. Um dos principais temas foi a maneira como se estabeleciam as relações entre os estudantes e os professores, por vezes, conflituosas. Depois, pedimos que eles avaliassem a atividade, o que foi bem interessante para nós, pois eles trouxeram muitas reações positivas.

A segunda atividade coletiva foi em junho de 2015. Consistia em uma dinâmica de confecção de cartazes. Nesta atividade, nosso foco era aprofundar a reflexão sobre as relações estabelecidas na escola. Para isso, foi questionado aos alunos: “*Como vocês se percebem como estudantes da EJA? Quais suas perspectivas de futuro e o lugar da escola para que conquistem o que almejam?*” Após a conversa, foi entregue aos participantes folhas em branco e canetas. Pedimos para que fizessem um cartaz com frases do que *não gostavam de ouvir* e em outro cartaz, falassem *algo que lhes agradaria ouvir*. Depois de feitos, todos os cartazes foram lidos em conjunto. Durante a leitura, foi promovido um debate. Os principais destaques se relacionaram às formas como os adultos, na escola e fora dela, os veem (desocupados e preguiçosos); o *bullying* e apelidos depreciativos, dentre outros. Ao falar sobre o que gostariam de ouvir, os estudantes salientaram: serem tratados com cordialidade.

Realizamos uma oficina, como nossa terceira atividade coletiva, em dezembro de 2015. A oficina era de confecção de bonecas Abayomis³, feitas a partir de retalhos de panos. Antes da oficina, levamos um convidado⁴, nascido em Moçambique, para um momento de apresentação sobre a cultura africana e curiosidades sobre seu país. No segundo momento da atividade, passamos para a oficina propriamente dita. Entregamos um texto com a origem de sua feitura e quais os significados atribuídos a elas. Em seguida,

³ Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. Costuma a ser uma boneca negra, significando aquele que traz, felicidade ou alegria. Abayomi quer dizer encontro precioso. *Abay* = encontro e *Omi* = precioso. (trecho de texto elaborado pelos pibidianos, a partir de pesquisa *online*)

⁴ Sansão Albino Timbane. Na época da atividade, Doutorando no Pós-Graduação em Informática na Educação da UFRGS.



distribuímos retalhos de panos para todos e nos dividimos em grupos menores para que houvesse uma compreensão do processo mais ampla, por se tratar de nós pequenos e exigir certa habilidade. Como resultado, todos produziram, sozinhos e sem dificuldades, suas próprias Abayomis. Depois de feito o corpo da boneca, para produzir suas roupas, foi demonstrado alguns modelos de peças e formas de cortar os tecidos. Ao final da oficina, todos tinham como recordação sua boneca Abayomi caracterizada de acordo com o gosto pessoal de cada um.

Primamos pelo desenvolvimento de uma proposta pedagógica flexível, de acordo com os interesses dos educandos e, para isto, é fundamental considerar as vivências destes e seus conhecimentos prévios. Nas atividades coletivas, procuramos aprimorar nosso olhar sobre os estudantes, respeitando-os em suas individualidades. Percebemos que os educandos buscam aprender através de suas experiências e do mundo, para assim serem convidados a refletir criticamente, por meio da troca de saberes entre os colegas e os pibidianos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Coletividade. Currículo da EJA.

Referências:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Edição online. 1996. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/publicador/content/131/.../Pedagogia%20da%20autonomia.pdf>>

MONTEMEZZO, Elaine. Docência compartilhada nas totalidades iniciais da EJA: um olhar sob a perspectiva da Educação Popular. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/115715>>